NOVELLAE OLIVARUM



ANO IX / DEZEMBRO 1951 / N.º 90

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Glória ! Pax ! — Videns 171

Natal ! ! ! — Um dos Pastores 175

Louvor e Glória — D. José Siqueira 180

«Culto Popular das Almas» — A. S. 192

Crónica — A. J. 197

findice alfabético de 1951 201

Apesar de toda a boa vontade, não nos permitem as actuais circunstâncias manter por mais tempo as condições extraordinárias de assinatura, que esta administração vinha mantendo. Vemo-nos por isso obrigados a modificar o preço da assinatura anual para 25$00.

A ADMINISTRAÇÃO

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.° LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69** —

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**



GLÓRIA! PAX!

O Advento foi o tempo da grande expectativa, expectativa de Deus! Veni! *Vinde* — é a palavra que resume todo o seu pensamento.

Agora o Senhor responde: Ecce venio. *Eis que chego. O Natal é a chegada do Senhor, é a resposta cabal à dolorida súplica da humanidade, desterrada do paraiso; mas é principalmente resposta ao grito da Esposa de Cristo, a Santa Igreja, que de todos os confins da terra clama, saudosa:* Veni!

O Senhor vem *todos os dias, nas múltiplas maneiras de se comunicar ao homem. Deus é Luz de infinita claridade, cuja irradiação nada pode conter; e, por isso, a cada passo e de todos os modos a Sua Luz brilha aos nossos olhos e nos ilumina o caminho. Deus é Amor e sem precisar doutro instrumento que não seja esse mesmo Amor, Deus derrama-se no coração do homem.*

Deus veio *sempre,* vem *agora e sempre* virá *ao encontro do homem para o encaminhar para Si.*

Mas um dia Deus veio, *não apenas iluminar as trevas da nossa inteligência, não sòmente aquecer a frieza dos nossos corações, mas* veio habitar *entre os homens, feito Homem também.* Verbum caro factum est (1). *Foi o primeiro Natal, o primeiro e o único Natal, porque o Natal não se repete.*

O mistério permanece; o Verbo, Filho de Deus, fez-se Homem para a eternidade.

Todos os anos, neste rolar cíclico do tempo, que é para os homens a imagem da eternidade, onde vive Deus, a Igreja nos diz, em santo alvoroço, a palavra que os pastores trocaram entre si na santa noite de Belém: Transeamus usque Bethlehem et videamus hoc verbum quod factum est (2). *Vamos até Belém contemplar este Verbo que nos nasceu, — traduzindo literalmente e segundo o seu sentido oculto, mas verdadeiro.*

Os mistérios de Cristo reaparecem vivos na Liturgia da Igreja. Esta é o processo normal, oficial e verdadeiro de nos fazer participar, de maneira autêntica e eficaz, na graça desses mistérios. Assim, o Natal de cada ano, longe de ser apenas a comemoração *do nascimento do Senhor, é a* participação *autêntica e eficaz da Igreja e de cada cristão na graça do mistério da Incarnação.*

*
* *

Vamos até Belém.

A claridade desta noite singular, «noite mais bela que o mais belo dia» (3), *alumia-nos o caminho.* A casa de Pão, *(isto significa a palavra Belém) é para nós o templo de Deus, onde à meia-noite «ao cantar do galo»* (4), será celebrada a primeira missa.

Antes, os levitas do Senhor entoarão os Seus louvores, no Ofício de Matinas. Quem pudera fazer com que os cristãos tomassem parte nesse louvor de singular beleza ou, que, ao menos, (e já era muito!) que em sua casa, em volta do toro familiar que arde no lume, ou na igreja, enquanto esperam, a «missa do galo», tivessem nas mãos o sagrado texto e lessem, rezassem ou cantassem até, as glórias dessa noite luminosa que viu aparecer na terra o Filho de Deus feito Homem!

Veni! — *Vinde! Foi o grito de Adão e Eva, certamente, quando conheceram após o pecado, a promessa do Redentor!*

Foi a prece de Abraão, quando, há distância de muitos séculos, «viu o dia do Senhor!» (5).

Foi a oração de todo o povo eleito, que no meio de todas as provações, por que Deus o fez passar, não tirou os olhos «d'Aquele que havia de vir».

«E todos estes, louvados com o testemunho prestado à sua fé, não receberam o objecto da promessa, tendo Deus disposto alguma coisa melhor para nós, a fim de que eles, sem nós, não obtivessem a perfeição da felicidade» (6).

Mas a nós «o presente dia, que o ciclo do ano nos traz, atesta-nos que Vós sois o único que nos desceu do seio do Pai, como Salvador do mundo» (7).

Um frenesi de entusiasmo e de infinda gratidão se apodera da Igreja ao ouvir, nas leituras, a palavra inspirada de Isaias: «Um povo que andava nas trevas viu uma grande Luz, e aos que habitavam o país das sombras e da morte, uma Luz lhes apareceu» (8).

*E nas catedrais, nos mosteiros ou nas simples paróquias a multidão, ou o coro em seu nome (!), rompe o grave silêncio da noite, e, como que alternando com os Anjos de Belém, celebra a glória do recém-nascido, a glória de Jesus Cristo, o Salvador, a glória da humanidade remida e elevada pela Incarnação, às alturas de Deus: «**Glória** a Deus nas alturas do céu; **Paz** na terra aos homens de boa vontade!»* (9).

«Deus deu-nos a Sua Benignidade *e a Terra deu o seu* Fruto». *Encontraram-se e abraçaram-se a Justiça e a Paz, a Misericórdia e a Verdade»* (10), *n'Aquele que é ao mesmo tempo Deus e Homem.*

*
* *

A imagem cristã do tempo é uma espiral ascendente.

O tempo mede-se por anos. Ano *significa círculo, como um* anel. *A vida da Igreja vive-se no* ano litúrgico. *A repetição* anual *dos mesmos mistérios não é, no entanto, estagnação; é antes participação* cada vez mais profunda, *nos mesmos mistérios inesgotáveis. Mas, por isso mesmo que é cada vez mais profunda, cada ano nos eleva mais às alturas de Deus, até nos mergulhar totalmente n'Ele.*

Em cada ano a Igreja nos dirige o mesmo convite. Mas que sabor de novidade ele não tem em cada novo ano: Christus natus est nobis; Venite adoremus! (11). *Cristo nos nasceu; Vinde adorá-lo.*

E a nova contemplação do mistério da Incarnação vai transfigurando, dia a dia, ano a ano, a Igreja de Deus e cada um de nós, em Cristo, o Filho de Deus, modelo e divino padrão de todos os homens, que n'Ele hão-de ir crescendo, crescamus in Illo per omnia (12), *até atingir* a idade da plenitude de Cristo (13).

*
* *

O mistério da Incarnação é tão grande, que a criação inteira, que, no dizer de S. Paulo, o esperava de há muito (14), *o sente e se vê, por ele, elevada a esta nova ordem de coisas, a que o mesmo Apóstolo chamou* nova criação, nova criatura (15). *É que o homem, resumo e coroa do universo inteiro,* microcosmos, *pequeno universo, como lhe chamou a antiguidade, é agora, em Cristo, filho de Deus. Esta a verdadeira superioridade e o verdadeiro motivo de orgulho da humanidade, e não as suas*

mesquinhas e falazes redenções e libertação, onde o homem, num esforço de super-orgulho diabólico, procura exceder-se a si mesmo, só para não aceitar, em dignificante gesto de humildade e reconhecimento, o grande «Dom de Deus» ([16]), *que é Cristo, vivo na Sua Igreja.*

Por isso, justamente, a festa do Natal transbordou dos templos e comunicou a sua alegria incontida aos lares, às famílias, às crianças, aos pobrezinhos, à vida pública e social, a todas as comunidades de qualquer espécie, sobretudo àqueles a quem o mundo, ainda o mais civilizado, duma civilização puramente humana, não pode dar a alegria e o sentido de viver.

É que todos estes ouviram o grande pregão: Um dia santificado brilhou a nossos olhos; vinde, ó gentes, e adorai o Senhor, que hoje sobre a terra desceu uma grande **Luz** — Alleluia ([17]).

VIDENS

([1]) Evang. da missa do dia.
([2]) Evang. da missa da aurora.
([3]) Versos populares do Natal.
([4]) Termo usado nos antigos sacramentários.
([5]) S. João, VIII, 56.
([6]) Hebr. X, 39-40.
([7]) Hino de Matinas.
([8]) 1.ª leitura de Matinas.
([9]) 3.º Resp. de Matinas.
([10]) Salmo 84, nas Matinas.
([11]) Invitatório de Matinas.
([12]) Efes. IV, 15.
([13]) Ibid., ibid., 13.
([14]) Cfr. Rom. VIII, 19.
([15]) II Cor., V, 19; Gal. VI, 15.
([16]) S. João, IV, 10.
([17]) Versículo All. da missa do dia.

NATAL!!!

Vinde já ó Deus Menino
Vinde não vos detenhais;
A minha alma vos espera,
Já não pode esperar mais.

Assim canta o nosso povo durante a novena do Menino Jesus, a que outros chamam «novena do O». A alma popular vive intensamente esta quadra, uma das mais belas do ano, em que se espera ansiosamente a vinda do «Desejado das nações», do Emanuel, do Menino Deus que vem conosco habitar. Com as proximidades do Inverno, os dias vão-se tornando mais pequenos, as noites maiores e mais frias; toda a família se reune ao redor da lareira. Horas de aconchego, de intimidade, de bem estar! Lá fora há frio, mas o pouco que penetra pelas frinchas do telhado, não chega a fazer-se sentir... calor da lareira... amor dos corações em labaredas... desejos imensos de que os céus se abram e apareça o Redentor, o único interesse destas reuniões familiares.

Na suave expectativa do Natal, para entreter os pequeninos, a avòzinha vai contando a história do Menino Jesus; e eles escutam com religiosa atenção, fixando os mais pequeninos pormenores. Sucedem-se depois as quadras, herança poética dos seus antepassados, gratas recordações da sua infância:

O Menino está na neve,
A neve o faz tremer;
Meu Menino da minha alma,
Quem lhe pudesse valer.

O Menino chora, tirita de frio e o povo comove-se... canta... reza...:

Ó meu Menino Jesus,
Ó meu lindo amor perfeito,
Se Vós tendes muito frio,
Vinde cá para o meu peito!

E a avòzinha redobra de ternura:

Ó meu Menino Jesus
Descalcinho pelo chão,
Metei os Vossos pèzinhos
Dentro do meu coração.

Deixemos a boa velhinha a distrair os netos, até o sono vir cerrar-lhes as pálpebras. Que os Anjos os embalem e eles durmam já no antegozo daquela Paz que Jesus veio trazer à terra.

Vamos nós até à igreja e ouçamos os cânticos que nos últimos dias da «novena» se tornam mais vibrantes:

Vinde ó meu Deus Menino
Nascer em meu coração,
Tomai dele inteira posse,
Tende-o na vossa mão.

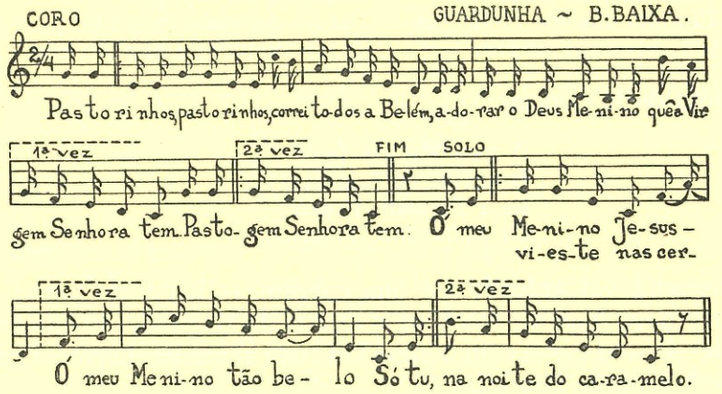
Toda a «novena» é um brado e uma prece constante ao Redentor: «vinde Senhor, não façais demora».

Eis que chega a noite desejada do Natal, e uma alegria indizível invade as almas. «Gloria in excelsis Deo»... e as campaínhas rompem numa sinfonia em tom maior, regidas pela do sacristão. É o momento culminante desta noite de alegria!

O grande presépio, armado na capela-mor, então já descoberto encanta de tal modo que o povo quase se esquece do altar; tão saudoso do Menino que logo quer contemplá-l'O. Terminada a Missa, o Senhor Prior dá o Menino a beijar e arrebatadas as almas cantam:

Alegrem-se os céus e a terra
Cantemos com alegria
Que já nasceu o Menino,
Filho da Virgem Maria.

Cá fora, no adro da igreja, continua a festa em tom mais familiar e pitoresco. À volta duma enorme fogueira não cessam de cantar:



Entrai pastores entrai,
Por este curral sagrado,
Vinde adorar o Menino
Numas palhinhas deitado

Entrai pastores entrai,
Por esses portais adentro,
Vinde ver o Deus Menino
No seu santo Nascimento!

E vêm as músicas e as quadras, cantadas ao desafio a ver quem sabe as melhores. Predominam a ternura e a familiaridade:

O Menino chora, chora,
Porque não tem sapatinhos;
Haja quem lhe dê as solas
Que eu lhe farei os saltinhos.

Não admira, o Menino é tão acolhedor...

Ó meu Menino Jesus,
Quereis Vós castanhas quentes?
Abri a Vossa boquinha
Para ver se tendes dentes.

Esta deve ter sido dita por algum zagal da Beira, nalgum auto da «Adoração dos Pastores».

Outras também são autênticos actos de amor:

Ó meu Menino Jesus
Nascidinho na pobreza,
Tomai posse da minha alma,
Minha única riqueza!

...algumas promessas e pedidos:

Eu hei-de dar ao Menino
Uma fita p'ro chapéu
Também Ele me há-de dar
Um lugarzinho no céu.

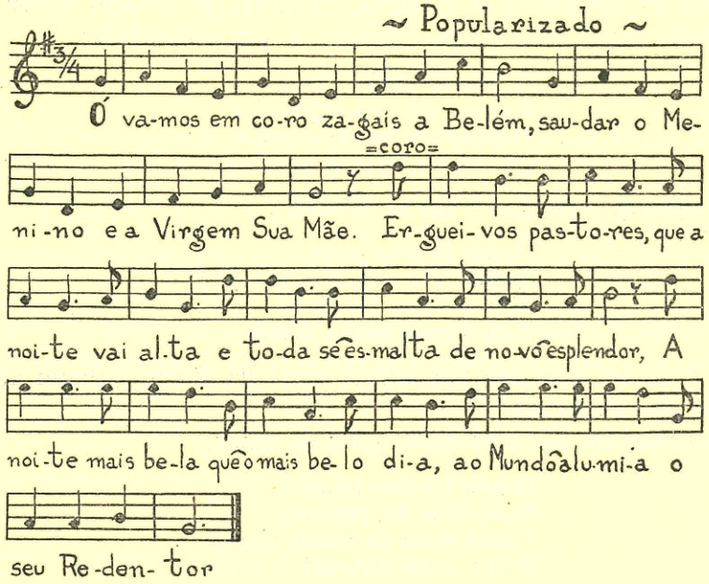
Ó meu Menino Jesus
Boquinha de requeijão
Dai-me da Vossa merenda
Que a minha mãe não tem pão.

...um acto de fé popular:

Ó meu Menino Jesus,
Boquinha de Santidade!
És a Segunda Pessoa
Da Santíssima Trindade.

A fogueira vai ardendo até que chegam as horas de tomar algum repouso; o povo quer vir também à «Missa da Galinha». E todos se vão a caminho de suas casas com a alma em festa cantando louvores ao Deus Menino e à Senhora Sua Mãe.

Como este povo humilde e simples, aproximemo-nos nós também do Verbo Divino feito Homem, com a alma a transbordar de amor e gratidão. Transportemo-nos em espírito a Belém e cantemos com os pastores:



II

Ó vamos que um anjo
Enviado dos Céus,
Nos manda adorar
O Menino Deus.

III

Jesus, nas palhinhas,
Maria e José
Querem na lapinha
Só almas de fé.

IV

Alma a transbordar
De luz e de amor
Louvemos, cantemos,
Jesus o Senhor.

E chegados ao presépio, prostremo-nos e adoremos o «Rei Imortal dos Séculos», escondido neste «admirável sacramento», anunciado pelos anjos aos pastores de Belém: «encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura». (Luc. II. 12).

Eis o sinal... a grande lição... a humildade, pobreza e desprendimento, d'Aquele que sendo tão grande se quis fazer pequenino, para assim nos atrair ao Seu Amor.

Ó meu Menino Jesus
Convosco é que eu estou bem,
Nada deste mundo quero,
Nada me parece bem.

UM DOS PASTORES

LOUVOR E GLÓRIA

No dia 21 de Outubro esteve o Seminário dos Olivais nas Caldas da Rainha onde se inaugurava a nova Igreja de Nossa Senhora da Conceição erguida pela fé e generosidade do povo daquela cidade.

O novo templo benzido solenemente por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, foi inaugurado com missa votiva solene em honra do titular, Nossa Senhora da Conceição.

Como preparação para esta solenidade representou-se, na véspera, no edifício da Igreja ainda não dedicado ao culto, um auto escrito por D. José de Siqueira expressamente para a ocasião.

Julgamos dar grande prazer aos leitores de «Novellae Olivarum» publicando este auto que se nos afigura de alto interesse ao mesmo tempo artístico e religioso.

Sentindo-nos muito honrados com tal publicação, agradecemos sinceramente ao ilustre Autor que tão gentilmente no-la tornou possível.

ARGUMENTO

As grandes empresas para atingirem plenamente o seu fim, têm que ter sempre a animá-las a vontade firme dos homens; e esta terá que ser impulsionada por razões de espírito onde se alicerce, para poder erguer-se e progredir. É o caso da Nova Igreja de *Nossa Senhora da Conceição* das Caldas da Rainha.

Existia a vontade e com ela se procuraram os meios materiais, fazendo despertar nas almas chamadas a colaborar, aqueles sentimentos que, brotando da Nascente do Espírito, eram animados pelas virtudes da *Fé,* da *Esperança* e da *Caridade*. Porque foram estas três virtudes que tornaram possível concretizar a ideia que há muitos anos estava na mente do povo católico desta cidade, eis a razão porque nos propusemos exaltá-la, e fazendo-o, louvar a Deus, donde emanam todas as Graças.

Assim, começa o acto com o Salmo «Lauda Jerusalém» — Louva Jerusalém ao Senhor — cantado pelo coro, que nas suas vestes brancas

representa a pureza dos sentimentos de todos aqueles que ajudaram a construir o novo templo. Chamam-se em seguida a bemdizer o seu Criador, todas as forças da Natureza, depois do que, se alude à construção do templo de Jerusalém e às promessas que Deus se dignou dirigir a Salomão e que neste dia, a todos os presentes se podem referir.

O Cântico «Glória in excelsis Deo» exprime a convicção de que só a Deus é devido Louvor e Glória, porque Ele é o Senhor de todas as coisas e de todos os empreendimentos, o principal autor. Segue-se a exaltação das virtudes da *Fé* e da *Esperança,* pedindo à Juventude, como esperança do futuro, que venha também com a sua candura louvar o seu Criador.

Atinge-se então o ponto culminante com a entrada da Rainha de todas as virtudes, a *Caridade,* fazendo-se alusão à *Rainha D. Leonor,* a quem a cidade deve, além do seu nome, uma obra a todos os títulos notável.

As Obras de Misericórdia que exerceu, são filhas da compreensão da Virtude do *Amor,* pela qual se ama a Deus como Objecto Supremo digno de ser amado e se ama o próximo como imagem de Deus. E porque foi Cristo a manifestação na terra, do *Amor* de Deus para com os homens, por isso O vemos passar espalhando o bem, desde o nascimento ao Calvário.

O Cântico «Ubi Caritas» — Onde está a *Caridade* e o *Amor,* aí está *Deus* — , fecha o elogio das três forças que ergueram a Casa do Senhor.

Após o apelo final a todos os que sofrem para que ingressem na Igreja, onde reside a tranquilidade e a paz, termina o acto com o Cântico triunfal: *«Glória a Cristo-Rei»*.

Começa esta «Paraliturgia» (*) com o salmo «Lauda Jerusalém», cantado por um coro de vinte figuras vestidas de túnicas brancas, que precedidas de dez turiferários (**), subirão pela nave central da igreja e se irão colocar em semi-círculo nos degraus do altar-mór. Para dar maior grandeza e maior volume ao coro, deve juntar-se outro com acompanhamento de órgão. Os turíbulos devem vir queimando incenso e em movimento a compasso com o canto.

(*) A aplicação deste termo começa a restringir-se para denominar *celebrações* — tendo portanto como elementos constitutivos: leitura da S. Escritura, canto, oração do povo e do celebrante—mas *livres,* isto é, que não vêm consignadas nos livros litúrgicos oficiais. N. da R.

(**) Crianças revestidas de batina e sobrepeliz.

SOLO — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!
CORO — *Para sempre seja Louvada Sua Mãe Maria Santíssima*
SOLO — Eu amei Senhor a beleza da Vossa casa!
CORO — *E o lugar onde reside a Vossa Glória*
SOLO — Obras do Senhor, bendizei todas ao Senhor!
CORO — *Bendito seja Deus Nosso Senhor*
SOLO — Sol e lua, estrelas do Céu, chuvas e orvalhos, fogos e calores do estio, Bemdizei ao Senhor!
CORO — *Bendito seja Deus Nosso Senhor*
SOLO — Frios e rigores do inverno, neblinas e neves, noites e dias, trevas e luz, relâmpagos e nuvens, Bemdizei ao Senhor!
CORO — *Bendito seja Deus Nosso Senhor!*
SOLO — Montes e outeiros, plantas e flores, mares e rios e todas as aves do Céu, Bemdizei ao Senhor!
CORO — *Bendito seja Deus Nosso Senhor!*
SOLO — Bemdiga Israel ao Senhor! Bemdigamos todos ao Senhor!
CORO — *Vós sois bendito no mais alto dos Céus, sois digno de louvor e glória, por todos os séculos!*

CÂNTICO — «LAUDA JERUSALÉM»

Quando o maior dos reis da humanidade
O sábio, o justo, o grande Salomão,
Acabava de erguer à Divindade
O esplendoroso templo de Sião,
— Maravilha que foi da velha idade —
Disse-lhe Deus: «Ouvi tua oração
Súplica que fizeste suplicando»
E o que pediste, tudo ordeno e mando.

CORO — *Súplica que fizeste etc....*

«Santifiquei a Casa» que me deste
Que a tua fé e o amor edificaram;
E porque foi só por mim que a fizeste
Nela o meu nome os anjos já gravaram.

E mais disse o Senhor em voz Celeste,
Estas palavras que até nós chegaram:
«Ali todos os dias estarão»
«Meus olhos para sempre e o coração».

CORO — *Ali todos os dias etc...*

Oh! gente que esta casa do Senhor,
— Monumento será de eterna glória —
Que ergueste para honra e seu louvor
E desta terra ficará na história
Provando em vossa fé grande valor;
Oh! gente que cantais vossa vitória,
Tirai hoje dela maior vantagem
Ouvindo do Senhor esta mensagem:

CORO — *Tirai hoje dela etc....*

(Acordes de música imitando trombetas)

Povo meu desta terra portuguesa
Que ajudei nas batalhas e nos mares.
Que ao meu nome deste maior larguesa
E tiveste por lema, mais cuidares
Do meu reino, que da mortal riqueza;
Povo meu de virtudes exemplares
Que mais provas que outro desse mundo
Me deste d'um leal e amor profundo.

CORO — *Que mais provas etc....*

Se em Ourique já estive numa Cruz
E venceste o hereje sarraceno;
Se fui d'Aljubarrota a tua luz
E do mar encapelado, fiz sereno,

Para que chegasse a Armada que conduz
Nova semente p'ra novo terreno,
A doutrina de paz e redenção,
Que meu Filho a tantos pregara em vão...

CORO — *A doutrina de paz etc....*

Que não farei por vós que hoje me dais
Para meu repouso um belo monumento?
Eu vos darei a todos, muito mais
Que sou da Caridade o sentimento.
E se vitórias dei a vossos pais
Aqui lhes fica o meu prometimento:
O meu reino e com ele a minha glória,
Será de vós o prémio da Vitória!

CORO — *O meu reino e com ele, etc....*

Hosana! Hosana! Hosana!
Ao Filho de David!

CORO — *Hosana! Hosana! Hosana! Ao Filho de David!*

Glória a Deus nas alturas!

CORO — *Glória a Deus nas alturas!*

CÂNTICO — «GLORIA IN EXCELSIS DEO»! (*)

Tangem os anjos o seu alaúde,
Cantam arcanjos louvores sem fim,
Coros que ouvimos de tal magnitude
Estridentes, sonoros, como um clarim.

(*) Cantado em gregoriano pela assembleia cristã seria duma beleza incomparável! N. da R.

Hinos que exaltam a grande virtude
Tão pura, valiosa, como o marfim.
Virtude tão forte, força sublime
Virtude da Fé, da Fé que redime (**).

CORO — *Virtude tão forte etc....*

Olhai! aí vem à sombra da Cruz.
Nela se abriga se sopra a tormenta;
Nos hombros a toma, seu peso a seduz;
E quando ele a verga, mais se aviventa,
É seu Cirineu o próprio Jesus
E seu coração ao d'Ele acalenta.
Virtude tão forte, força sublime
Virtude da Fé, da Fé que redime.

CORO — *Virtude tão forte, etc....*

Já vibram na terra os golpes do alferce.
Gemem as pedras em doce agonia,
Quebradas, faciadas, para o alicerce.
Aumentam os muros, e a sinfonia
dos camartelos quem é que a exerce?
Quem rege, quem manda esta harmonia?
Virtude tão forte, força sublime
Virtude da Fé, da Fé que redime.

CORO — *Virtude tão forte, etc....*

Não vem do Líbano o cedro madeiro,
Nem do Sabá o metal reluzente.
A via do mundo não é roteiro.
Vem de mais longe que o vasto Oriente.
Vem das alturas onde é o viveiro,
Só Deus é Senhor da sua semente.
Virtude tão forte, força sublime
Virtude da Fé, da Fé que redime.

CORO — *Virtude tão forte, etc....*

(**) Quando se faz o elogio de cada uma das virtudes surge uma figura alegórica, que para a caridade foi incarnada na Rainha D. Leonor.

Anceiam as almas, a recompensa
Das obras do bem que vão praticando.
Querem lugar na eternidade extensa.
De Deus ao pombal, são pombas voando,
Lutam, trabalham, não têm detença,
Na glória de Deus só vivem pensando.
Almas que têm com Deus aliança
Almas que vivem e morrem na Esperança.

CORO — *Almas que têm, etc....*

É ela sòmente que não a vaidade,
Que a Casa de Deus ajuda a erguer.
Ela acredita na suma verdade
Que Deus, porque é Deus, não pode esquecer
O bem que se faz à humanidade;
E porque é Senhor de todo o poder
Se veio ao mundo para resgatar,
Aqueles que *esperam,* há-de salvar!

CORO — *Se veio ao mundo, etc....*

Esperança do futuro! Oh! gente nova
Vinde com a candura louvar a Deus.
Sois a esperança que a nossa fé renova.
Que vossas vozes rompam para os Céus!
Já ouvimos o eco dessa trova
As palavras do Mestre para os seus
Ao quererem separá-lo dos meninos:
«Deixai vir até mim os pequeninos!».

CORO — *Deixai vir até mim, etc....*

LEITURA DOS SALMOS

Louvai a Jahweh, oh! meninos
Louvai o nome do Senhor!

TODOS—Vamos pois com nossas fracas vozes
Louvar também o nosso Criador!

SALMO 112

1.° — Que o nome do Senhor seja bendito
Por todos os séculos dos séculos.

2.° — Que do nascer ao por do Sol
Seja louvado o nome de Jahweh!

SALMO 83

1.° — Que linda é a Vossa morada!
Jahweh, Elohim, Sabaoth!

2.° — Minha alma desfalece de anseio
Pelos átrios e altares de Jahweh!

1.° — Meu coração e meu corpo todo treme
De amor pelo Deus Vivo e Verdadeiro!

2.° — Até o passarinho aqui tem morada
E a andorinha um ninho onde ponha os seus filhinhos!

1.° — Felizes os que habitam a Vossa casa
E que sem cessar vos louvam ó Jahweh!

2.° — Felizes os que em vós procuram força
Para subir correndo ao vosso templo!

1.° — O vale de Baca sítio de aridez
Jahweh o transforma em fresco regadio!

2.° — Sim! Mais vale um dia nos vossos átrios
Que muitos mil longe de vós passados!

1.° — Prefiro o limiar da Vossa Casa
Do que nas tendas dos ímpios hospedar-me!

(*) As crianças que entraram como turiferários, e que já deixaram os turíbulos.

SALMO 145

2.º — Louva, minha alma, a Jahweh!
Quero louvar a Jahweh toda a vida!

1.º — Não confieis nos homens poderosos
O sopro da vida depressa se esvai!

2.º — Feliz daquele cujo auxílio é Deus
Que fez o céu a terra e o mar profundo!

1.º — Jahweh! Reina para sempre
Jahweh! Reinará de geração em geração!

SALMO 83

TODOS—Que linda é a Vossa morada
Jahweh, Elohim, Sabaoth!

Oh! gente destas Caldas da Rainha!
Vê lá se conheces quem ali vem?
Hoje entre vós novamente caminha
E como outrora só pensa no bem.
Está sempre presente, o pobre acarinha
É Caridade virtude também.
Passou neste mundo curando a dor,
É Caridade virtude do amor.

CORO — *Passou neste mundo, etc....*

Um dia vieste à terra que é nossa.
Rainha tu eras de Portugal!
Deixou a dor de banhar-se na poça,
Passou a pobreza a ter hospital,
Conforto e abrigo em vez de uma choça.
Tornaste em saúde o que era só mal!
E desde esse dia resgatador,
Oh! Caridade! te chamou Leonor!

CORO — *E desde esse dia, etc....*

Herdaram de ti a grande bondade
Os filhos que hoje são desta terra.
D'animo forte e mais forte vontade,
O que é impossível não os aterra.
Por isso hoje mesmo esta cidade
Um novo padrão de glória descerra,
Que ficará atestando aos vindouros
Almas repletas de enormes tesouros!

CORO — *Que ficará atestando, etc....*

Mais que os do corpo precisam curados
Os males d'alma que todos afligem.
Grandes remédios aqui estão guardados
Seja qual for do doente a origem.
Todos merecem os mesmos cuidados.
É o pecado de todos vertigem.
Bem hajam almas de tanto fervor,
Pois cada uma, é de Deus um credor.

CORO — *Bem hajam almas, etc....*

Oh! Caridade sem ti este mundo,
Era a mais triste miséria que esmaga.
Era um inferno, um abismo profundo.
A humanidade seria uma chaga
A querer que a lavassem num charco imundo;
Um frágil batel ao sabor da vaga
Num mar de paixões perdido o seu norte,
Sem ti Caridade, a vida era morte!

CORO — *Um frágil batel ao sabor, etc....*

A dor não sabia da compaixão!
E a lágrima triste, quem enxugava?
Pecados havia mas sem perdão.
A liberdade, seria uma escrava

A prece, seria imprecação
A chama do amor, torrente de lava.
O fraco morria às mãos do mais forte,
Sem ti Caridade, a vida era morte!

Coro — *O fraco morria às mãos, etc....*

Oh! Caridade! nasceste em Belém,
Correste a Judeia, foste a Naim,
Subiste a Caná e a Jerusalém,
Galgaste montanhas, como Efraim,
A Sidon e Tiro foste também.
E vendo chegar já perto o teu fim,
Num arranque divino e voluntário
Subiste por nós o monte Calvário!

Coro — *Num arranque divino, etc....*

Há vinte séculos véus caminhando
Na estrada da vida sem descansar;
Mágoas e dores tu vens consolando;
Olhos molhados de tanto chorar
Misérias, tristezas, véus enxugando.
Almas cansadas de tanto pecar
Nunca nenhuma te buscou em vão,
Porque és caridade, amor e perdão!

Coro — *Nunca nenhuma, etc....*

Cântico — Ubi Cáritas

Vem lesta humanidade sofredora!
O tempo perdido, é só ilusão.
A voz que te fala o mundo, impostora
Mentira, quimera, só tentação.
Dá liberdade, mas é opressora;
Fala de amor, mas não tem coração.
Estuga teu passo, vem lesta em corrida,
Vem saciar-te na fonte da vida!

Coro — *Estuga teu passo, etc....*

Vinde vós todos que sois os vencidos,
Porque *Ele*, venceu, vencido na Cruz.
Vinde pobreza com vossos gemidos,
Ele é fortuna que todos seduz.
Vinde doentes, oh! desiludidos,
Vinde cegueiras, porque Ele é a luz!
Vinde leprosos da alma em pecado
Que *Ele* vos limpa na chaga do lado!

Coro — *Vinde leprosos, etc....*

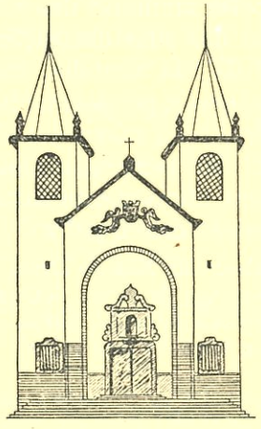
Casa de Deus é de todos morada!
Já ninguém julgue que não tem abrigo.
A porta do Céu está só encostada;
Quem cá entrar tem cá sempre um amigo.
Empurra-a um pouco, não é pesada;
É bem mais leve que um bago de trigo.
A Casa de Deus é Casa de luz!
Entra! descansa nos braços da Cruz!

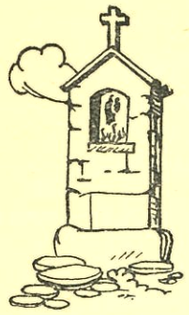
Coro — *A Casa de Deus, etc....*

Cántico — Glória a Cristo-Rei

FIM

D. José Siqueira





"Culto Popular das Almas" (*)

A devoção pelas «benditas almas do purgatório», como geralmente se diz, é talvez das que mais falam ao coração do povo, e mais o sensibilizam, despertando nele sentimentos de caridade e de amor fraterno, de solidariedade no sofrimento e na comunhão de interesses espirituais.

Esta devoção tão enraizada na alma simples do nosso povo manifesta-se ao longo do ano, e especialmente em épocas determinadas.

Desde o levantar ao deitar o nosso bom povo nunca esquece as «almas dos que já lá estão», as «alminhas santas», suplicando ao Senhor que as liberte das chamas do purgatório, ou pedindo-lhes a intercessão nas pequenas e grandes aflições, nas pequenas e grandes necessidades.

Toda a saudade e toda a piedade pelas almas dos que nos foram queridos em vida, a gente portuguesa as reflecte delicadamente em frases bem significativas :

— Pelas alminhas, meu Senhor;
— Pelas alminhas de quem lá tem;
— Pela sua saúde e pelas alminhas dos seus;
— Seja pelas alminhas das suas obrigações;
— Seja pela salvação da sua alminha, meu senhor;
— Seja pelo amor de Deus e pelas alminhas do Purgatório.

Todas as segundas-feiras há a missa das almas para a qual todas as famílias, além da côngrua, dão sempre um ou mais alqueires de cereal.

Neste dia todas as boas obras e esmolas são pelas almas. Assim o exprime o calendário popular nesta quadra:

Sábado da Mãe de Deus,
Domingo de Nosso Senhor;
Segunda-feira das almas,
E a terça do meu amor.

(*) N. R. — Escrito para o número de Novembro, mês das almas, só agora aparece o presente artigo, por nos ter sido impossível publicá-lo nessa ocasião.

* * *

Novembro começa pela comemoração de todos os fiéis defuntos. Vão ao cemitério pela manhã cobrir as campas de flores e voltam à tarde em piedosa romagem rezando pelas «almas dos que já lá estão».

É costume neste dia pedir os «fiéis de Deus» ou, como se diz noutras regiões, o «pão por Deus» que podemos comparar às «janeiras», «boas-festas» ou «reis». Sobretudo as crianças, passam de casa em casa a cantar:

Dê-me os «fiéis de Deus»,
Por amor de Deus.
As alminhas dos defuntos
Estão no Céu todas juntas,
Ao pé da Bela Cruz
P'ra sempre Amen Jesus.

Todo o mês é consagrado às almas e o terço rezado na igreja toma um tom triste; suprime-se o «Glória» e reza-se o «Dai-lhes Senhor o eterno descanso...»; são também tristes os versos que intercalam:

As almas do Purgatório
Nos falam ao coração
Que nos lembrássemos delas
Pela esmola e oração.

Olha para mim irmão
Não te enojes de me ver
O que tu és, já eu fui
O qu'eu sou, tu hás-de ser.

(*Em Paradinha, Moimenta da Beira*)

Para além da sepultura
No lugar da expiação,
Tanta dor, tanta amargura
As almas sofrendo estão!

Coro: Ó misericordioso, Clementíssimo Jesus
Dai-lhes o eterno repouso
O gozo da eterna luz.

(*Balazar - Braga*)

* * *

A Quaresma é um período litúrgico em que acompanhamos de perto Jesus nos seus sofrimentos até à Paixão.

E este tempo de semblante triste, é muito propício para o povo se lembrar das almas; em muitas terras canta-se o terço todos os dias em volta do povoado até ao Calvário. Chegados ao cimo, um dos homens com a voz mais forte clama: — «Pelas almas» — e de todas as casas se elevam ao Senhor preces pelas alminhas.

Outras regiões há com práticas interessantíssimas; é o caso da maior parte das aldeias minhotas.

De noite, altas horas, no silêncio da aldeia faz-se o pregão das almas.

«Recomendar as almas», «aumentar as almas», «botar as almas» tudo significa o mesmo: pedir orações pelas almas do purgatório.

Um exemplo muito característico: na freguesia de Vila-Chã (Esposende) o coro vai passando pelas ruas da aldeia entoando num tom triste e dolorido:

— Alerta, Alerta
A vida é curta
E a morte é certa — Padre Nosso pelas almas.

Noutras terras, um ou mais rapazes sobem às torres das igrejas ou ao monte mais próximo, ou percorrem a povoação, numa toada angustiosa e impressionante, cantando ou «clamando» pregões das almas.

Com a devoção às almas andam sempre ligadas as preces pelos que vivem em pecado mortal e pelos que andam sobre as águas do mar.

Observemos este outro pregão. Do cimo do Outeiro-do-Rei em Covide (Gerez) uma pessoa bradava:

— Ó irmãos meus, filhos de Jesus Cristo,
Ponde-vos de vela
Qu'está Deus de sentinela
Podemos anoitecer e não amanhecer.
Rezemos um P. N. e uma A. M.
Em louvor das Benditas almas do Purgatório.

— Outro P. N. e outra A. M.
Quem puder, será pelo Amor de Deus,

— Outro P. N. e outra A. M.
Em louvor das almas das nossas obrigações
Quem puder, será pelo Amor de Deus,

— Outro P. N. e outra A. M.
Pel'os que andam em pecado mortal
Quem puder, será pelo Amor de Deus,

— Outro P. N. e outra A. M.
Por todos os que andam sobre as águas do mar
Para que Deus os traga a salvamento,
Quem puder, será pelo Amor de Deus,

* * *

No final da missa de «requiem» que se celebra em muitas regiões, fazem o «obradório» ou «bradório».

As pessoas amigas e parentes vão junto do sacerdote, que está à entrada da capela-mor revestido de sobrepeliz e estola, ajoelham, beijam uma das cruzes das partes terminais da estola e numa bandeja lançam um óbolo. Então o padre reza um responso pela alma por quem foi aplicada a missa.

Por exemplo, na igreja da Penha de França (Lisboa), após o ofertório das missas de «requiem», o celebrante vem junto dos fiéis, traz a patena e o acólito uma bandeja. Os fiéis aproximam-se beijam a patena e lançam na bandeja esmolas para a celebração de missas a fim de sufragar a alma por quem se aplica o Santo Sacrifício.

Segundo me parece, isto não é mais que uma espécie de «obradório» usado nas regiões minhotas.

Noutras aldeias há ainda as «obradas», dávidas de géneros alimentícios oferecidos ao pároco, quando no Domingo dentro da semana do falecimento de alguém (Domingo de bradar) reza a missa de Defuntos, na presença dos parentes.

É pena que a devoção pelas almas vá decaindo pouco a pouco. Mas há-de ficar alguma coisa a testemunhar à posteridade e aos séculos vindouros a grande devoção que houve e há ainda pelas almas do purgatório: — São as «alminhas».

Painéis de madeira, fixados no alto duma estaca ou pendentes duma árvore; minúsculas capelinhas, por vezes de uma pedra única, escavada, onde estão pintadas as almas do purgatório, com alguma inscrição por baixo: «Padre Nosso e Ave-Maria pelas almas do Purgatório». Ou esta:

— «Ó vós que ides passando
Orai por nós que estamos penando».

Erguem-se à beira dos caminhos e das estradas, nos descampados e nas serras.

Em vez das «alminhas», os «cruzeiros» merecem de preferência o lugar onde morreu alguém.

* * *

De tal maneira está enraizada na alma do nosso povo o culto das almas que nalguns lugares quase chega a superstição. É o caso de na noite de consoada deixar em cima da mesa a comida que sobrou para as alminhas virem tomar parte na refeição familiar.

Deixam na lareira um grande canhoto aceso para as alminhas virem aquecer-se naquela noite tão fria.

Em Barqueiros (Douro) quando fazem o magusto de Todos os Santos, deixam em cima da mesa algumas castanhas para os mortos da família; estes vêm tocar-lhes, babujam-nas e por isso ninguém mais deve aproveitá-las.

Talvez reminiscências de antigos costumes pagãos... mas seja como for, a devoção pelas almas, tão grata à sensibilidade popular, mostra-nos claramente que é por ela que o nosso povo melhor compreende o grande dogma da comunicação dos santos.

É preciso pedir por elas para que elas intercedam por nós.

Alminhas do Purgatório,
Nas penas em que estais,
Pelo bem que recebestes
Pela glória que esperais,
Pedi ao Senhor por nós
Que pedimos ao Senhor por vós.

A. S.

CRÓNICA

Em união com o Bispo

Celebrámos festivamente o 22.º Aniversário da entronização de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca na Sé Patriarcal de Lisboa.

De entre as realizações magníficas de Sua Eminência, é muito difícil escolher a mais importante ou significativa. No entanto, não será exagero afirmar que a dos Seminários é duplamente apreciável, tanto em si mesma, como por estar na base da grande revolução do Patriarcado nos últimos vinte anos.

Por isso, não estavam em festa os simples súbditos de um Prelado excepcional. Alegravam-se, ao mesmo tempo, os que um dia hão-de ser enviados como representantes seus por esse Patriarcado além.

Como cristãos da Diocese de Lisboa, comparecemos na Sé, na homenagem de todos os fiéis do Patriarcado. E foi-nos sumamente agradável verificar como os cristãos acorreram em grande número, em testemunho de gratidão e reconhecimento pelo Pastor que a misericórdia do Senhor nos concedeu.

Como seminaristas, tivemos logo de manhãzinha, a começar o dia, a Santa Missa celebrada pelo Ex.mo Sr. C.º Vice-Reitor.

E à tarde, uma pequena Sessão Solene.

O Presidente da Academia de Santo António, Rev. Fernando B. Maurício, definiu brilhantemente a missão dos Bispos na Igreja e a natureza do espírito de obediência à Hierarquia, frisando dum modo especial a obediência dos Párocos ao Bispo que representam nas respectivas frequesias.

O Coro Polifónico cantou o «Ecce Sacerdos», de Haller, a «Ave Maria», de Termignon, o «Hol-di-ri-di», linda melodia tirolesa, e o conhecido «Coro dos Marinheiros», de Wagner.

E representou-se «A Casa do Prior Velho», original do Rev.mo Sr. P.e José Viçoso Freire.

Estamos diante de uma obra um pouco diferente das que já conhecíamos, mas que só vem confirmar as valiosas possibilidades já manifestadas noutras circunstâncias. Menos simbolismo, maior sentido das realidades, cunho acentuadamente popular, talvez sejam estas as características mais salientes da nova faceta da arte de Sua Reverência.

A encerrar a pequenina Sessão de Homenagem, o Ex.mo Senhor Cónego Vice-Reitor agradeceu a todos os que contribuiram para a sua realização, destacando entre todos o Rev.mo Sr. P.e Viçoso Freire, pela magnífica lição apresentada, além do trabalho intenso na Polifonia. E Sua Ex.a Rev.ma terminou com um acto de fidelidade e confiança na Igreja e no Prelado.

Digno encerramento de um dia tão solene, foi a bênção e inauguração da Biblioteca, na parte central do Seminário, a ligar os dois Pavilhões.

Na presença de todos os alunos e dos Reverendos Professores, o Ex.mo Senhor Cónego Vice-Reitor falou um pouco dos fins e vantagens da Biblioteca na nossa formação de Seminaristas, e colocou em paralelo o dia que terminou e a inauguração da Biblioteca, mais uma oferta preciosa que ficamos a dever ao zelo e interesse de Sua Eminência pelos Seminários.

Catequeses

O trabalho nas Catequeses é indispensável para uma formação sacerdotal completa. É bem verdade que nós precisamos de ter uma vida espiritual intensa — não se compreende um Padre sem vida de oração. É bem verdade que o estudo nos é absoluta-

mente necessário: para «consumo interno», e para, mais tarde, darmos testemunho da verdade. A ambos o Seminário providencia de um modo especialíssimo.

Mas desde já temos de ir pondo em acção os bons desejos de fazer o bem. Por isso as Catequeses são, até certo ponto, a prova real da nossa adaptação à vida, são como que o exame de admissão à vida do Apostolado.

Das freguesias circunvizinhas, só três têm Pároco próprio; e Catequistas é muito difícil consegui-los em tais meios.

Às quintas-feiras, depois do meio-dia, começam a ver-se Seminaristas por todas as estradas e azinhagas que partem do Seminário.

Lá vão alguns até à Charneca, onde os olhos e os espíritos se acostumaram de há muito a ver batinas negras. Hoje já nos olham com simpatia, a Catequese está em pleno rendimento, compensa um pouco o cansaço da caminhada.

Mas há regiões mais difíceis: S. João da Talha e Camarate, terras muito pobres, onde só vivem operários que trabalham nas fábricas de Sacavém; muitas barracas, muita ignorância, alguma má vontade contra os Seminaristas que para lá se encaminham todas as semanas... e ainda são duas boas horas...

Nestes ambientes, como aliás em todos os outros centros, Sacavém, Moscavide, Olivais, e até no Bairro da Encarnação, todos verificamos angustiados o contraste quase absoluto entre o Mundo e o Cristianismo que ali vamos pregar. Deus nos dê forças para continuarmos a manter bem alto o facho do testemunho...

Porque sentimos bem nítida a insuficiência do nosso esforço. Por uma hora que passam conosco, as crianças têm 23 horas na escola da rua, ou na escola da barraca, onde não pode haver família organizada...

Porque sentimos bem urgente a necessidade de outras armas de longo alcance, que fomentem uma opinião pública humana e cristã.

Não desanimamos, no entanto. Talvez um dia ressuscite a boa semente que agora vamos depositando nesse terreno ingrato e pedregoso...

Os nossos irmãos, os pobres...

É muito triste querer fazer o bem e ver-se impossibilitado... E nós conhecemos a pobreza que nos rodeia — basta abrir os olhos —, sabemos dos horrores da promiscuidade e dos seus efeitos dolorosos...

Sabemos que nas barracas — e em concreto, nestas barracas que encontramos à beira do caminho que vem dar ao Seminário... Sabemos que é impossível observar integralmente as verdades cristãs.

Sim, estamos impossibilitados... Socorremos a duas dezenas de pobres — e eles são às centenas... — com meia dúzia de escudos semanais tirados às nossas pobres bolsas de estudantes...

Mas podemos amá-los, o que é muito. Os pobres precisam sobretudo de amor. É do que mais precisam, e é do que menos recebem. Porque vivem na miséria, não têm importância social. São o Zero à esquerda. A Sociedade não quer ver neles pessoas humanas, e despreza-os. Não descarrega a consciência com auxílios esporádicos...

Às vezes são quase uma ofensa certos auxílios filantrópicos. Vêm do orgulho, não trazem amor, nascem de uma necessidade egoísta de segurança individual, não são o reflexo da inquietação das almas.

Nós vamos buscar à visita aos pobres entusiasmo para a vida cristã. Vamos respeitar os irmãos que sofrem... e vamo-nos assim preparando para subir o altar do Sacerdócio.

O interesse e o amor de hoje são o penhor e a garantia da nossa vida de amanhã, quando os pobres forem a nossa primeira ocupação, quando os nossos primeiros passos forem dirigidos para as barracas dos infelizes.

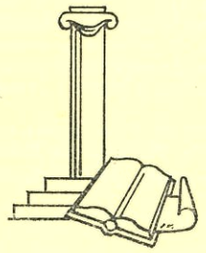
Polifonia

Este período foi de trabalho intenso para o nosso Coro Polifónico.

Nas exéquias solenes em S. Vicente de Fora, por alma da Rainha Senhora Dona Amélia, cantámos a «Missa de Requiem», de Perosi, acompanhados pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a regência do maestro Pedro de Freitas Branco.

E comparecemos também na Sessão Solene de Encerramento da Exposição Internacional de Arte Missionária, no dia 2 de Dezembro.

No histórico ambiente da Igreja dos Jerónimos, ecoaram os acordes vibrantes da «Portuguesa», do «Hino do Império», do «Hino Missionário», de Irruarrizaga; cantámos ainda a «Marcha Real Espanhola», a «Ave Maria», de Termignon, e o «Tu es Petrus», de Ravanell.



Pela Academia

O plano de trabalhos para este ano inclui temas da maior urgência no mundo de hoje ou de especial interesse na vida sacerdotal.

Já se tratou a Eutanásia, em breve aparecerão o Rotarismo, a narcoanálise, a Arquitectura Religiosa, a ornamentação das Igrejas...

Ao mesmo tempo convidam-se para nos falarem sobre alguns assuntos mais importantes, pessoas competentes e esclarecidas. Nessa orientação, ouvimos no dia 25 do mês passado o Senhor Engenheiro Rodrigo Félix, sobre os problemas complexos que está a provocar a efectrificação em grande escala do País inteiro.

Pelo seu lugar na Direcção Nacional dos Serviços Eléctricos, Sua Ex.ª estava em excelentes condições para nos dar uma visão completa do problema. Referiu-se às possibilidades futuras, — deu-nos umas luzes sobre as descobertas mais recentes no campo da electricidade: a luz negra, o microscópio electrónico. E sobretudo fez-nos reflectir... Porque é um facto de extrema gravidade a descristianização contínua e gradual das nossas aldeias mais acentuadamente cristãs.

Isto parece dar razão aos partidários obsoletos da Religião inimiga do Progresso.

Mas como deveremos preparar essas populações rurais para a vida cristã? Como conservar intacta esta vida cristã nos meios rurais transformados de um instante para o outro em centros fabris?

Pelo que nos disse e pelo que nos fez reflectir, vão para o Sr. Eng. Rodrigo Félix os agradecimentos sinceros de todos os Seminaristas.

= Voltou a reunir-se a Secção Académica de Filosofia. O académico António Sobral apresentou uma interessante comunicação que publicamos neste número: «O culto popular das almas».

O trabalho principal esteve a cargo do Secretário da Secção, António Alves Guerra, que desenvolveu com clareza e profundidade um tema actualíssimo: «O Marxismo». Focou em especial a sua génese filosófica, terminando com uma conclusão cheia de oportunidade e bom senso, sobre o melhor combate que deveremos empreender contra o marxismo: destruir-lhe a base em que se apoia.

«Chesterton fala de certas virtudes cristãs que enlouqueceram, por andarem por aí sòzinhas. Ora a parcela de verdade que o marxismo possui é uma dessas virtudes. Só terá pleno sentido integrada no corpo de que faz parte».

O admirável quarteto dirigido por António Pedro Tomás Rosa voltou a deliciar os numerosísimos assistentes com oito números de folclore musical polaco: menos sentimental que o russo, conserva no entanto um acentuado fundo saudosista.

A Secção de Filosofia está a navegar de vento em popa. Nos anais da Academia, não consta que alguma vez tenha havido maior interesse e assistência.

= No 1.º Domingo de Dezembro o Engenheiro Carlos Galamba apresentou um tema que lhe é querido:

«A Igreja, o Estado e a Obra da Rua». O orador deixou a sua formatura em Electro-Técnicas para trabalhar na vinha do Senhor, num terreno especialmente difícil e abandonado: a Obra da Rua. Por isso nos fez vibrar intensamente.

Referiu-se em concreto à insuficiência e limitações da Assistência Oficial, estabelecendo um paralelo com os efeitos visíveis e evidentíssimos da formação nas Casas do Gaiato.

Hugo Maurício de Carvalho recitou de Eugénio de Castro, «Extase de S. Macário». O barítono Manuel Louro cantou a «Sinfonia das folhas secas», e com Horácio Correia, um dueto do Sr. P.e Pascal, a Nossa Senhora.

Ao piano, Fernando de Brito.

Obra dos Coadjutores Espirituais

Está com novo alento a O. C. E. É talvez o sangue novo que lhe insuflou, o Rev. Assistente, Sr. P.e José da Felicidade Alves.

A principal finalidade é o conhecimento minucioso da Diocese, e do ambiente dos vários meios. De tudo nos servirmos: informações, experiência pesoal, inquéritos... Ao mesmo tempo, entramos em união com os Párocos que lá trabalham, auxiliando-os com o apoio das nossas orações e do nosso interesse. O que, em certo modo, contribui para adormecer o choque entre a nossa vida de agora e a de futuros Padres, lançados, de um momento para o outro, nas realidades difíceis da vida de Apostolado.

Na sessão de 25 de Novembro tratou-se em especial a situação religiosa no concelho de Torres Vedras. Do desenvolvimento da Acção Católica falou o seminarista da freguesia de Ramalhal, Lereno Sebastião Dias. Referiu-se à actuação da J. O. C. e da L. O. C. sobretudo dentro da vila, porque em numerosas aldeias do concelho a sua influência é pràticamente nula.

Torres Vedras é um concelho essencialmente rural. O estado religioso das aldeias foi tratado por Nicolau Dias Baptista, de S. Pedro da Cadeira.

Insistiu nas aldeias da orla marítima, um pouco mais cristãs, porventura pela influência benéfica dos conventos.

Por fim o Presidente, Eugénio dos Santos, de S. Pedro da Cadeira, apresentou algumas considerações sobre os meios operários do concelho. Pôs em evidência o facto de grande parte dos operários irem trabalhar a Torres Vedras e voltarem para as aldeias dos arredores, onde encontram um ambiente um pouco mais favorável.

Pelo Clan 10

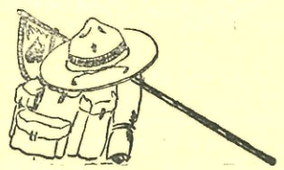
Também o Seminário de Cristo-Rei acredita na eficácia do Escutismo, que o Sumo Pontífice aplaude, abençoa e deseja. «Põe em acção tudo o que é naturalmente bom, nobre e sadio: simplicidade de vida, amor da natureza e da Pátria, sentido da honra e da auto-disciplina, obediência, dedicação no serviço dos outros, em espírito de fraternidade e de gentileza» (S. S. Pio XII).

Diante de programa tão nobre e sedutor, os seminaristas escutas, já tão numerosos, trabalham cada vez mais por se entregarem mais completamente nas mãos do Ponfífice Diocesano. O Escutismo no Seminário é hoje uma realidade viva, uma escola de verdadeiros assistentes para a juventude que legìtimamente os reclama.

As actividades do presente ano recomeçaram em Outubro com um entusiasmo sempre crescente.

As reuniões gerais têm sido muito frequentadas pelos novos alunos de Filosofia que já dão esperanças de virem a ser outras fogueiras vivas dentro do movimento — novas flores de Lis a indicar o Norte à juventude desnorteada.

Para enriquecimento do Clan, foram enviados dois escutas da Patrulha de Santo António ao curso da escola de chefes, em Santarém.



Dia de S. Nuno — Embora não tenha sido possível tomar parte na festa que a Junta Regional de Lisboa promoveu em honra do Patrono do C. N. E. S. Nuno esteve presente no coração de todos.

A Patrulha do Santo Condestável organizou uma festa a que assistiram todos os Escutas e simpatizantes. Foi uma simples evocação do Heroi e Santo, feita com arte e beleza.

Com o pensamento em Deus, espada em punho e cruz no peito, orgulhamo-nos do lema do presente ano: «trabalhar com mais entusiasmo que nunca para melhor Servir a Igreja.

A Comunidade aumentada

Impressionado com a penúria de Clero no Sul de Portugal, deixou a sua Holanda para seguir o Mestre e O tornar conhecido nas regiões do Baixo Alentejo, o loiro Cornélio Martinho Wijnkoop.

Estão de parabéns a Diocese de Beja e o II Ano de Teologia que vê as suas fileiras enriquecidas com um novo membro, alegre e comunicativo.

A. J.

Índice alfabético de 1951

Abertura — *Director* 123

Acção do meio sobre a criança — *João Amaral dos Santos* 9

«Alguém entre nós está doente?» — *Manuel Arouca* 81

Baptismo (O) dos adultos na disciplina actual da Igreja — *Manuel Lourenço* 85

Bibliografia:

«Acção Católica e Acção Social» 170

«Correntes da Filosofia Religiosa em Braga» 98

«Problema (O) da Castidade» 98

«Voici Venus les jours du prêtre» 146

Bispo (Com o) — *Fernando Maurício* 147

Campanha (A) do Rosário pela Paz 131

Cânticos da Vida Cristã — 2.º Ofertório 110

Canto (O) na formação religiosa das crianças — *Nuno Ferreira Magno* 26

Ciclos (Os) no ensino catequístico — *José Martins dos Santos* 22

Conclusões dos Dias Catequísticos 46

Conquista das crianças para Cristo — *Ruy Corrêa Leal* 15

Cristandade (Problemas da) — Entrevistas — *F. A. A J.* 128, 156

Crónica 72, 97, 145 167 197

Culto (O) popular das almas — *A. S.* 192

Estudos Paroquiais (Semana de) — *Carlos Castelão* 111

Evolução dos métodos de ensino — *Carlos Castelão* 18

Exposição Missionária (A propósito da) — *A. Baptista dos Santos* 153

Falam os Mestres — *P.es Adriano Botelho e Alvaro Proença* 40

Formação espiritual e da vida de piedade em torno da Lição da catequese... *Manuel Luís* 29

Formação litúrgica em torno da catequese — *Manuel Pires de Campos* 31
Formação moral da criança — *Joaquim Sampaio* 6
Glória ! Pax ! — *Videns* 171
Gráfico (O) ao serviço da catequese — *Fernando Brito Antunes* 24
Leituras litúrgicas em língua vernácula — *D. Weber* 138
Louvor e Glória — Auto por *D. José Siqueira* 180
Matrimónio (Liturgia do) — *Armindo dos Santos Duarte* 105, 133
Mensagem (A) de Fátima — *Cónego Amaro* 126
Mistério (O) Pascal na Vida Cristã — *João A. de Sousa* 59
Movimento Católico e Litúrgico (A propósito do) — ouvindo o *P.e Daniélon João Alves* 99
Movimento (O) litúrgico na América do Norte — *M. A.* 70
Natal ! ! ! — *Um dos pastores* 175
Organização da vida apostólica na Paróquia e o enquadramento nela das crianças — *Manuel Franco Falcão* 34
Personalidade (A) da criança — *João Alves* 4
Plain-Chant (Les caractères) — *D. Suitbert Caron O.S.B.* 169
Processo Evangélico-litúrgico na Catequese (Orientação para a valorização do) — *Manuel Lourenço* 20
Profissão de Fé (Mínimo de garantias para admitir à) — *Jacinto G. Pedro* 10
Profissão de Fé e Baptismo (Mínimo de garantias para admitir à)—*P.e Amilcar Amaral* 10
Recrutamento (O) e formação de catequistas — *P.e Luís Aparício* 37
Ressurreição (A) de Cristo e a nossa Justificação — *Manuel Lourenço* 56
Sens (Le) de l'Action Catholique — *G. Thils* 53
Vigília (Da) Pascal restaurada — *Cónego António Gregório Neves* 75

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA
Casa fundada em 1866
SOUSA TAVARES, L.DA
220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.
Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário
Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO
Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA


APA
K 15

NÃO SE ALARME
COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE
CONSULTE
Kodak
KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS A PRAZOS

COVILHÃ

CASA AMÉRICO FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS.

Largo de S. João do Souto — BRAGA
TELEFONE 2704

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO

EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL